

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

92

INSCRIÇÕES 412-415



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2011

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ARA FUNERÁRIA ACHADA EM CANTANHEDE
(*Conventus Scallabitanus*)

Ara romana de calcário banco, encontrada, em 2000, no centro de Cantanhede, a cerca de 30 metros da igreja matriz, aquando das obras na praça principal daquela cidade. Juntamente foi recuperada uma base de coluna também romana. Ambos os monumentos se guardaram na Escola Pedro Teixeira, em Cantanhede, onde se conservam.¹

Bastante desgastada pela acção erosiva do solo e das águas infiltradas, a ara está, contudo, intacta. O capitel, delimitado inferiormente por ranhura, ostenta fastígio triangular central em relevo (com 5,2 cm de largura), ladeado de dois toros cilíndricos (com 8 cm de diâmetro e 6,5 cm de altura). Arestas do fuste esborcinadas; base tosca, separada do fuste por ranhura e com saliência a meio, no sentido transversal, para encaixe noutra base mais ampla. A inscrição encontra-se na face dianteira do fuste, sem qualquer molduração.

Do lado – sem que nos seja possível garantir tratar-se de decoração original – há desenhado mui tenuemente um quadrilátero de 15 x 12,5 cm; o mesmo acontece do lado direito, em que o quadrilátero, de 10 x 16 cm, está dividido por um sulco vertical sensivelmente a meio.

¹ Um dos signatários (JR) teve ocasião de dar conhecimento dos achados em nota publicada na edição de 16 de Agosto de 2002 do jornal local *A Voz de Mira*, pág. 7, sob o título «*A romanização nas terras da Gândara – Cantanhede foi centro romano*».

Dimensões: 95 x 27 x 21/27.
Campo epigráfico: 69,5 x 27.

D(iis) M(anibus) S(acrum) / C(aii) FLAVI(i) C(aii)
[F(ili)] / ANN(orum) XXXII (*duorum et triginta*) / ET PATER /
ET MATER / H(ic) S(iti) [?]

Consagrado aos deuses Manes. De Gaio Flávio, filho de Gaio, de 32 anos. E o pai e a mãe aqui jazem.

Altura das letras: l. 1: 4; l. 2: 4,5; l. 3: 2,5; l. 4: 3,7; l. 5: 3,2; l. 6: ? Espaços: 1: 9,5; 2: 4; 3: 2; 4: 1,5; 5: 1; 6 e 7: ? [Desde a l. 5 ao final da superfície epigrafada: 34,8].

A paginação obedece a um alinhamento à esquerda, distribuindo-se, porém, as siglas da l. 1 na intenção de seguir um eixo de simetria. Não há já indícios de pontuação, a não ser precisamente nessa l. 1, onde se nos afigura possível descortinar pontos redondos.

Gravados com goiva, os caracteres apresentam-se muito irregulares no seu traçado, sem obediência à geometria, pelo que não cremos arriscado afirmar que a minuta terá sido feita na própria pedra à mão levantada, dada a cursividade bem patente em boa parte das letras, com acentuada inclinação para diante. Assim, verifique-se logo o traço bem irregular do D inicial; M muito aberto; F alongado, de barra superior muito oblíqua para cima e a média mais curta; L de travessão oblíquo; NN pequenos e feitos nitidamente com três movimentos; E de travessões paralelos e curtos; o A parece ter travessão; P estreito; R feito a partir do traçado de um P, de haste bastante oblíqua e breve.

As dúvidas de leitura situam-se ao nível da l. 2 e da fórmula final – de que se apresentam fotos de pormenor, a fim de se ajuizar da validade da interpretação que ousamos propor. Não cremos que se deva optar por XXXIII no que se refere à idade, pois os II estão bem nítidos, o que deveria suceder também com um eventual terceiro I.

Na l. 2, à análise atenta da pedra pareceu-nos viável descortinar um nexa – inusitado, concordamos... – AVI. Ler FLAVO seria sedutor, porque, nesse caso, o C inicial seria sigla de gentílico (*Cornelius, Caecilius...*), o que não estranharia se

apontássemos para uma datação de finais do século III; mas o C apresenta-se-nos com muita nitidez, pelo que vemos nele a sigla do praenomen paterno a que se seguia o F, ora desaparecido com o desgaste.

Na última linha, mais desgastada ainda que as demais, pareceu-nos ver, a dado passo, com determinada incidência de luz, a palavra POSVERVNT. Uma observação mais atenta levou-nos, porém, a deixar essa hipótese de parte, até porque a possibilidade de ali se identificar um H e um S não é, na verdade, despicienda. Sendo assim, a epígrafe continua a manter um esquema fora do comum, dada a repetição do ET, que, à partida, só parece querer acentuar o carácter copulativo do conjunto; ou seja: que são três os defuntos ali memorados: o filho e o pai e a mãe, identificados apenas pelo grau de parentesco. Poderemos, pois, imaginar que a iniciativa de lavar o epitáfio partiu de um parente, para assinalar o local de sepultura de três dos seus entes queridos: o primeiro a morrer, com 32 anos, surge em primeiro lugar; mas também ali acabaram por encontrar lugar de repouso o pai e a mãe – e assim ficou consignado na ara.

Para além dessa singularidade textual, mui grato nos seria poder garantir qual a onomástica registada. Torna-se difícil optar; contudo, se não fora a presença da invocação aos Manes, dois indícios nos inclinariam a datar a epígrafe dos primórdios da época imperial: a gravação por meio de goiva e a simplicidade textual (com omissão dos nomes dos pais). Caso esta possibilidade ficasse garantida, não nos repugnaria também a ausência de cognomen e o eventual uso do genitivo (como que para dizer «sepultura de Gaio Flávio»). A reconstituição do gentílico Flavius, porém, cremo-la deveras aceitável e, conseqüentemente, afigura-se-nos verosímil propor como datação para o monumento o tempo dos Flávios, ou seja, a 2^a metade do século I d. C.

Chegados a este ponto, importará, decerto, interrogarmos sobre qual terá sido o contexto original do monumento. Claro que a primeira ideia – de imediato veiculada na notícia que se deu no jornal local acerca da descoberta da ara e da base de coluna, a que atrás nos referimos – foi a de atribuir essas antiguidades a Cantanhede; mas... estaremos agora tão certos disso?

Ora vejamos: uma das áruas descoberta em *Conimbriga*

é dedicada FL(*aviae*) CONIMBRICAE ET LARIB(us) EIVS;² o tipo de material usado é o mesmo e o coroaamento com fastígio e dois toros cilíndricos em relevo idêntico é também. Outra árula daí, consagrada LIBERO PATRI (nº 13), apresenta as mesmas características formais. Não será, pois, este *Flavius* oriundo da *Flavia Conimbriga*? Estaríamos, pois, muito tentados a responder que sim, atendendo, inclusive, ao que já se conhece acerca dos vestígios romanos identificados na região e, também, com o facto de a semelhança tipológica se prender, decerto, com hábitos epigráficos de toda a região (Ourentã, Outil, Portunhos, Ançã...), onde a chamada pedra de Ançã foi material trabalhado desde a época romana.

Aproveite-se, pois, o ensejo para referir alguns desses dados, a que o achamento deste altar e da base de coluna aduziu, sem dúvida, eficaz complementaridade.

Assim, a relevância histórica do contexto do achado, a cerca de 2 metros de profundidade, ficou logo demonstrada pelas escavações de sepulturas levadas a cabo por técnicos do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro,³ que permitiram «comprovar que, pelo menos, a área central da actual cidade de Cantanhede se encontra implantada sobre área habitada do período romano...».⁴ E Carlos Cruz sublinha a circunstância de duas das sepulturas terem reaproveitado «uma estrutura de formato rectangular com revestimento em *opus signinum*, apresentando uma concavidade com um diâmetro com 12 cm e uma profundidade aproximada de 60 cm e que se supõe ter tido a funcionalidade de recipiente de retenção de líquido»; e que «em associação foram exumados materiais cerâmicos de construção (*tegulae* e *imbrices*), bem como um alfinete em cobre, de cabeça piramidal, e uma fíbula anular, tipo B1 de Fowler. Este último achado remete para uma cronologia do séc. I d. C., podendo

² Cf. ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges; LÉVÊQUE, Pierre et Monique, *Fouilles de Conimbriga*, vol. II: *Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, inscrição nº 10, p. 28-30.

³ Cf. circunstanciado relatório em: CORTE-REAL, Artur, «Cantanhede», *Informação Arqueológica* 9 1994 50-52.

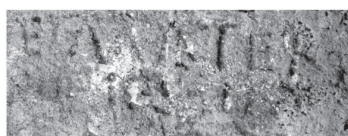
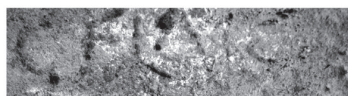
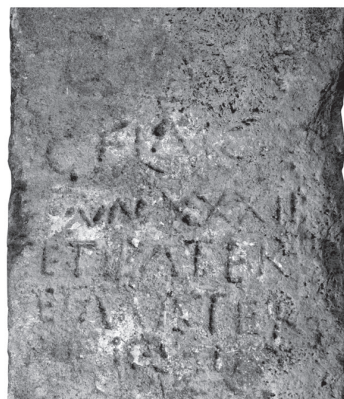
⁴ CRUZ, Carlos Manuel Simões, *Carta Arqueológica do Concelho de Cantanhede*, Câmara Municipal de Cantanhede, 2005, p. 64.

estender-se ao séc. II e III» (ibidem, p. 64). Este investigador considera, pois, que o achado desta epígrafe constitui mais uma confirmação da presença romana no local, como, de resto, Jorge de Alarcão salientara.⁵

Na verdade, a antiga Cantanhede estará, certamente, sepultada debaixo da zona urbana actual e as intervenções que vierem a ser feitas no seu perímetro urbano decerto irão confirmar essa hipótese da pré-existência, aí, pelo menos desde a época romana, de um povoado de algum significado, eventual vicus, como sugeriu Jorge Alarcão (*ibidem*). É até possível que por ali tivesse passado uma estrada secundária de ligação à via principal Olisipo – Bracara Augusta, desde a Vimieira (Mealhada) até Tentúgal (Alarcão, 2005, 14). De resto, num raio de 2 km do centro de Cantanhede, há 20 sítios arqueológicos detectados (10 publicados e 10 ainda inéditos), o que não deixa, pois, de ser bem significativo.

JOSÉ D' ENCARNAÇÃO
JOÃO REIGOTA

⁵ ALARCÃO, Jorge de, *In territorio Colimbrie: lugares velhos (e alguns deles, deslembrados) do Mondego*, nº 38 da série dos Trabalhos de Arqueologia, Lisboa (IPA), 2004, p. 40.



413